

SEGUNDO O RELATÓRIO EMANADO DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA**TORTURA FÍSICA E MORAL
PRISÕES ARBITRÁRIAS E EM CÂRCERE PRIVADO
PRATICADAS POR CIVIS E MILITARES**

A maioria das prisões foi efectuada pelo COPCON, cujos mandados de captura e de busca eram, na generalidade, assinados em branco.

Elementos civis, por vezes armados e pertencentes a organizações partidárias (P. C. P. e U. D. P.) prenderam ou colaboraram na prisão de numerosas pessoas.

No Ralis e no Regimento de Polícia Militar cometeram-se os maiores excessos.

Pág. 5

MÁRIO SOARES**NÃO ESTEVE NO CONSELHO DA REVOLUÇÃO**

«**M**ÁRIO SOARES não esteve no C. R.» — declarou-nos esta manhã o capitão Sousa e Castro, porta-voz do Conselho da Revolução, contactado pelo nosso jornal, desmentindo assim, formaimente, uma notícia inserta num matutino lisboeta, segundo a qual o primeiro-ministro teria assistido a parte da reunião ontem efectuada, daquele órgão de soberania, para se pronunciar, convocado pelo Presidente da República, sobre matérias reservadas.

**CYRUS VANCE E HUANG HUA
NOVOS DIRIGENTES
DA POLÍTICA EXTERNA
DOS ESTADOS UNIDOS E DA CHINA**

Centrais

foto especial

**Eleições
para
as Autarquias**

A PALAVRA

AO POVO

**AVEIRO e LEIRIA
— O DESENCANTO DA POLÍTICA**

Foto de CORRÊA DOS SANTOS

Destacável

A PARTIR DAS 19 E 30

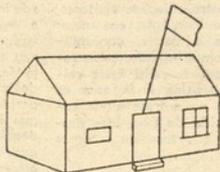
Concentração de estudantes das três Academias frente a S. Bento

Pág. 19

Eleições para as Autarquias

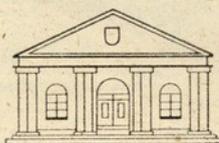
GUIA ELEITORAL

AS CORES DOS BOLETINS DE VOTO



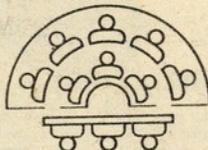
ASSEMBLEIA DE FREGUESIA

BOLETIM DE VOTO EM PAPEL BRANCO



CÂMARA MUNICIPAL

BOLETIM DE VOTO EM PAPEL VERDE CLARO



ASSEMBLEIA MUNICIPAL

BOLETIM DE VOTO EM PAPEL AMARELO

Serão três os boletins de voto que, nas eleições para as autarquias locais, a realizar no próximo dia 12, serão utilizados pelo eleitorado. As gravuras que acima publicamos, reproduzindo os símbolos impressos nos boletins e respeitantes a cada um dos órgãos de poder local, indicam já, claramente a correspondência das cores do papel utilizado com esses órgãos a eleger — por forma a não haver hipótese de engano.



O DESENCANTO DA POLÍTICA

NO termo de uma viagem-relâmpago através dos distritos de Aveiro e Leiria, as conclusões do repórter do «D. P.» podem sintetizar-se, esquematicamente e, de qualquer forma, sem hipotese de grande margem de erro de interpretação, da seguinte forma: o desencanto da política sentido pelas populações.

Foi essa, de facto, a constante que ressaltou dos encontros mantidos, logo após a abertura da campanha eleitoral, um pouco por toda a parte e ainda que fugidamente percorridos os distritos. Nos locais de encontro dos cidadãos, nos cafés como nas ruas, nos campos ou nas tabernas, ouvimos a palavra do povo, numa tentativa de amostragem da situação sociopolítica de dois distritos de muito difícil leitura, até pela sua localização geográfica: zonas de transição entre o Norte e o Sul, entre o mar e o interior. Mas, se o retrato, rigoroso, é impossível num exercício de reportagem influenciado pela campanha eleitoral, ficará, pelo menos, um esboço já suficientemente definido do ambiente que influencia a posição do eleitorado naqueles dois distritos, em vésperas de cumprir, nas urnas, um importante acto cívico.

DISTRITO DE AVEIRO

ELEITORES INSCRITOS: 381 696, número referente a Junho de 1976.

CONCELHOS: 19.

FREGUESIAS: 190 com mais de trezentos eleitores e 8 com menos de trezentos eleitores.

PERCENTAGENS NAS ELEIÇÕES DE ABRIL/76: P. P. D., 35 • P. S., 30,8 • C. D. S., 22,5 • P. C. P., 3,8 • U. D. P., 0,9 • M. E. S., 0,5 • P. D. C., 0,5 • F. S. P., 0,4 • M. R. P. P., 0,4 • A. O. C., 0,3 • Votantes, 84,8 • Abstenções, 15,2 • Votos brancos, 0,7 • Votos nulos, 3,6.

CONSIDERANDOS: Não concorrem neste distrito o P. P. M., a L. C. I. e o P. R. T. Apresentam-se às urnas 47 listas de cidadãos independentes, candidatas a Assembleias de Freguesia, havendo duas freguesias sem qualquer lista de candidatos: Boa Hora e Urró.

DISTRITO DE LEIRIA

ELEITORES INSCRITOS: 282 430, número referente a Junho de 1976.

CONCELHOS: 16.

FREGUESIAS: 128 com mais de trezentos eleitores e 3 com menos de trezentos eleitores.

PERCENTAGENS NAS ELEIÇÕES DE ABRIL/76: P. P. D., 31,1 • P. S., 31,1 • C. D. S., 19,4 • P. C. P., 7,3 • U. D. P., 1 • F. S. P., 0,9 • M. R. P. P., 0,5 • L. C. I., 0,4 • A. O. C., 0,2 • P. C. P. (m.-l.), 0,2 • Votantes, 80,2 • Abstenções, 19,8 • Votos brancos, 0,9 • Votos nulos, 5,1.

CONSIDERANDOS: Não concorrem neste distrito o P. P. M. e o P. D. C. Apresentam-se às urnas 8 listas de cidadãos independentes, candidatas a Assembleias de Freguesia, não tendo sido possível apurar se existe alguma freguesia sem qualquer lista de candidatos.

Coordenação de CARNEIRO JACINTO • Reportagem de HUMBERTO DE VASCONCELOS
Fotos de CORRÊA DOS SANTOS • Colaboração de DANIEL RODRIGUES
(correspondente do «D. P.» em Aveiro)

dp especial
Eleições para as Autarquias

E fique vossemecê sabendo que, quando a fome chegar ao distrito de Aveiro, já o País morreu à mingua de pão. — disse-nos um aveirense, que com esta frase definiu a importância do seu distrito quanto à sua riqueza e nível de vida dos seus habitantes.

O distrito de Aveiro é o terceiro do País em importância e seria natural, portanto, que as eleições que se aproximam e que vão definir a composição dos órgãos de administração local motivassem a população em alto grau. No entanto, essa não é a panorâmica geral. Cruzando o distrito em várias direcções, apreende-se uma desmobilização, um desinteresse, quanto ao acto eleitoral, que se pode atribuir a diversos factores, alguns inerentes às condições do próprio distrito e outros que se podem ir buscar a uma panorâmica geral do País. O desencanto da política — em termos objectivos — é da desinformação, — nos apontado como uma das causas principais. Certo é que nos grandes centros, como a cidade e as vilas mais industrializadas, a consciência e o grau de cultura das populações conseguem obviar, em parte, a essa desmobilização; mas, à medida que se entra pelo campo dentro, o valor destas próximas eleições vai-se esbatendo, até chegarmos a locais onde, embora se saiba que elas se vão realizar, nada se altera. Nem nas paredes, onde se debotam à chuva antigas cartazes de propaganda, que vão caindo pelo chão, juntamente com as folhas deste Outono que se vai mostrando rigoroso.

Do desencanto da política partidária fala bem, neste distrito, o aparecimento de um sem-número de listas independentes. Talvez seja mesmo um dos distritos onde elas apareceram em maior grau. Quer a nível de concelho, quer a nível de freguesia. O desencanto foi uma das explicações, mas, por outro lado, mesmo à mesa do café se pode apanhar outra interpretação do cidadão eleitor: são locais onde certas facções políticas, de esquerda ou de direita, não podem meter o pé em ramo verde e que, portanto, arranjaram essa «capa». Interpretações são interpretações, e as dos eleitores valem votos...

AS MAQUINAS PARTIDARIAS

Aveiro, madrugada do início da campanha. A partir da hora zero, partiram do assalto das paredes da cidade as listas de CDS e do Povo Unido. Novas cores nas paredes e novos «eglossas» eleitorais. O PPD/PSD e o PS pareceram aguardar, estimados na sua implantação num distrito de mentalidade pequeno-burguesa — afirmou-nos um candidato a uma Assembleia de Freguesia, que não pertence a nenhuma destas associações políticas.

São sete os partidos com presença no distrito, nestas

eleições, como se pode ver noutra local. O PS concorre em massa, a todos os níveis. Não teve listas rejeitadas, apesar de ter tido alguns problemas, mas de fácil resolução. Segundo um informador do Partido, pensam ganhar, no que diz respeito a câmaras, em Agueda, Espinho, Vila da Feira, Mealhada, Ovar e São João da Madeira, fundamentando-se nas últimas eleições. Quanto às freguesias, informou a mesma fonte, terão vantagem nas freguesias industriais. O congresso do Partido mobilizou os militantes e há entre eles bastante optimismo.

Vila da Feira e Aveiro é campo de batalha do MRPP em relação a câmaras, e concorre ainda à Junta de Aradas (Aveiro). Por outro lado, o PDC, apesar da pouca implantação que desfruta no distrito, procura lugares nas Assembleias Municipais de Aveiro, Oliveira de Azeméis e Vila da Feira. Não apresentam qualquer candidato independente e não tiveram qualquer lista recusada. Consta que irão realizar na cidade do Vouga, dentro em breve, um congresso, talvez a nível nacional. Um renascer... mas o porta-voz não adiantou nem atrasou mais nada. Limitou-se a sorrir.

O mandatário distrital do PSD/PPD informou que o partido está em força no distrito. Basta referir que, das 198 freguesias apenas não concorre em cinco: uma por ter sido rejeitada irrevogavelmente e as quatro restantes por não terem número estipulado pela lei. Apóia uma lista independente em Calvão. Quanto ao desfecho, e reportando-se ao último acto eleitoral (sintomático que os partidos sempre a elegeram, o que dá ideia de que as posições pouco ou nada se alteram) «será francamente positivo para o seu partido».

A. F. E. P. U. (Povo Unido) concorre a todas as câmaras e Assembleias Municipais do distrito. A Juntas de Freguesia, concorre a 39 e apóia 36 listas de independentes — em Espinho (3), Agueda (2), Arouca (5), Estarreja (2), Ovar (1), Vila da Feira (14), Albergaria-a-Velha (1), Ilhavo (1), Anadia (3), Mealhada (2), Aveiro (1) e Vagos (1). Na maioria, centros populacionais muito ligados à indústria.

No que concerne a dificuldades havidas na apresentação de listas à entidade judicial, queixaram-se do juiz da Comarca de Anadia, que fez exigências, autênticos atropelos à lei. Mostram-se «nem optimistas, nem pessimistas, mas simplesmente realistas». «Entendo — afirmou um porta-voz — que conseguimos mais uma grande vitória. Esta assentou em se conseguir listas unitárias em todos os concelhos».

O CDS mostra optimismo tendo mais dificuldades em conseguir deputado para a Assembleia da República do que indicar, agora, centenas de candidatos. Segundo um informador autorizado do partido, nos concelhos de Aveiro, Albergaria-a-Velha, Anadia, Cas-

AVEIRO E LEIRIA DESENCANTO DA POLÍTICA

em termos dos partidos que estão representados na Assembleia da República. O termo de comparação para perdas e ganhos é, sempre, as últimas eleições, sobre tudo as da Assembleia da República.

OIS DA RIBEIRA: PLENÁRIO DE ELEITORES

Como já foi referido, no distrito de Aveiro algumas das Juntas de Freguesias serão elei-



Ois da Ribeira: «... O que é preciso é que isto caia para um lado ou para outro, para a gente saber quem que linhas é que se cosem»

«Não estamos de acordo com a Lei Eleitoral — disse o porta-voz —, achamos pouco o tempo estabelecido para a elaboração das listas».

«Não temos veleidades». — afirmou-nos um representante do GDUP. — «É nosso princípio apoiar listas surgidas de plênários populares. As nossas não saem de gabinetes».

É com esta perspectiva que aquela associação política está presente no distrito de Aveiro. Não se importam, os seus candidatos, com a muita ou pouca representatividade, mas estão presentes.

«Apoiamos listas em mais de duas dezenas de freguesias do distrito e apresentamo-nos em Estarreja, Espinho, Vila da Feira, Ovar e São João da Madeira a concorrer às Câmaras e Assembleias Municipais».

Fica por aqui o relance da posição relativa dos partidos, enquanto que os pensamentos dos eleitores têm outras divagações. Os aveirenses, de um modo geral, só sabem pensar

ou a nenhum partido, parece que se devia promover o casamento entre cidadãos eleitores, pois a mulher vota, em meios pequenos e rurais, conjuntamente com o marido, salvo raras excepções. «Ah! Essas coisas da política é lá com os homens» — é frase ainda comum, saída da boca das mulheres e que também ouvimos em Ois.

«Por aqui, parece-me que o socialismo vai ganhar» — disse-nos um dos eleitores, pro-

nham pensado formar ainda um terceiro grupo, acabaram por aderir à lista do socialismo e era aí que fundamentava a sua opinião para a vitória do seu agrupamento, pois que o ele fazia parte. E, em seguida, deambulou a conversa para problemas da terra. Das coisas que não deixam construir (depois venham para aí dizer que há falta de casas para habitar), acrescentando que não eram, efectivamente, para «pessoal morar, e não daquele para continuar a sangrar o p-

relação entre comunista e socialista...



Leiria — Na rota do Sul ou na rota do Sul?

Região de Leiria. Zona de múltiplas facetas, entre a serra e o mar, entre o Norte e o Sul. Mesmo no aspecto de mentalidades se encontram com distâncias de poucos quilómetros, diferenças fulcrais. Abrangendo, além de Leiria, os concelhos da Batalha, Marinha Grande, Porto, de Mós e Vila Nova de Ourém, contém no seu seio o eixo industrial que vai da Marinha Grande a Mira de Aire, passando pela sede do distrito. Difícil de dar a noção de como as populações encaram as próximas eleições.

«A população da cidade e dos meios já maiorinhos, já está mais consciente da votação que vai efectuar, e como é de mais fácil acesso, até vai lá» — disseram-nos em Leiria, num dia feriado, em que a chuva miudinha guardava as populações em casa.

Depois, foram acrescentando, quando a conversa se alargou, e o âmbito geográfico também: «Nos arredores da cidade, a «coisa» está mais desmobilizada, até porque os locais de votação, como sabe, são longe das sedes das juntas de freguesia e o pessoal já está farto de tanta eleição».

Juntou-se mais um e disse, à laia de «bocas»: «Olhe que o

Não tivemos tempo para pedir a procuração passada pelas gentes da região para o seu porta-voz, nem averiguar

que não sentem a reivindicação proletária como arma para assegurar os seus postos de trabalho e uma vida futura decente, a longo prazo. Somentemente os do sector naval e da metalomecânica apresentam um espírito mais combativo, porque, sendo na sua maioria não oriundos, não se enquadram no esquema anterior.

A teoria de que só deveriam ter existido dois partidos depois do 25 de Abril, torna-se moeda corrente, não para dizer que estes são as «direitas» e aqueles as «esquerdas», mas sim para realizar que uns são os que estão «por cima» e outros «os que estão por baixo».

Do desencanto político partidário diz bem a frase, com conotações à francesa, de que «eles não fazem nada». Este «eles» são os responsáveis pela governação, seja qual for a coloração política. E representam, também, o desmissionismo. O facto de que, na região, arranjar um emprego do Estado é que é bom. Porque o Estado — qual pai — tem que dar e resolver o que desencana uma política de não-intervenção pessoal. Um passado de economia individualista, que uns sentiram e outros invejaram, leva a uma mentalidade de que os próprios aveirenses determinam de pequeno-burguesa, com as acomodações inerentes e as libertações de ordem político-filosófica que determinam o voto conservador por um lado, e progressista — dentro da almejada estabilidade —, por outro.

Disseram-nos, num dos muitos contactos que tivemos: «Foram tantos os chamados para diversos lugares, que quase é capaz de não sobrar ninguém para votar».

Disseram-nos, num dos muitos contactos que tivemos: «Foram tantos os chamados para diversos lugares, que quase é capaz de não sobrar ninguém para votar».

LEIRIA — NA ROTA DO SUL OU NA ROTA DO SUL?

Região de Leiria. Zona de múltiplas facetas, entre a serra e o mar, entre o Norte e o Sul. Mesmo no aspecto de mentalidades se encontram com distâncias de poucos quilómetros, diferenças fulcrais. Abrangendo, além de Leiria, os concelhos da Batalha, Marinha Grande, Porto, de Mós e Vila Nova de Ourém, contém no seu seio o eixo industrial que vai da Marinha Grande a Mira de Aire, passando pela sede do distrito. Difícil de dar a noção de como as populações encaram as próximas eleições.

«A população da cidade e dos meios já maiorinhos, já está mais consciente da votação que vai efectuar, e como é de mais fácil acesso, até vai lá» — disseram-nos em Leiria, num dia feriado, em que a chuva miudinha guardava as populações em casa.

Depois, foram acrescentando, quando a conversa se alargou, e o âmbito geográfico também: «Nos arredores da cidade, a «coisa» está mais desmobilizada, até porque os locais de votação, como sabe, são longe das sedes das juntas de freguesia e o pessoal já está farto de tanta eleição».

Juntou-se mais um e disse, à laia de «bocas»: «Olhe que o

Não tivemos tempo para pedir a procuração passada pelas gentes da região para o seu porta-voz, nem averiguar

DISTRITO DE AVEIRO — UMA LEITURA DIFÍCIL

Um distrito que, embora tenha implantado no seu seio diversas indústrias, de projecção, não teve um surto de greiarias apreciável, nestes dois últimos anos: que, tendo uma tradição religiosa, tem a influência de mais do que um bispo, e que, tendo uma propriedade rural individualizada, tem uma das maiores cooperativas do País (Vagos), tem que ter forçosamente uma leitura política e social difícil, senão impossível, no curto espaço de que dispomos. Sob o prisma político, que é abordado agora, muitos factores têm que ser levados em conta. Desde os culturais aos éticos, acentuando os económicos. O individualismo impera, e esse pode-se esbater na importância que um nome, encabeçando uma lista, pode ter, até a um substrato lenicista, de que as populações piscatórias da beira-mar podem inferir de uma certa atitude de saber estar entre umas facções e outras, mais radicais. Existem, efectivamente, personalidades que pela sua actualidade antes do 25 de Abril, numa militância antifascista, e pelo seu conhecimento da região, podem vir a influenciar um eleitorado: ciente do seu voto. Por outro lado, as grandes famílias de tradição regional acabam por ter mais influência do que o próprio pano de fundo de consciência religiosa, antiqualquer coisa. As imagens dos antigos «homens bons» são ainda a grande força do sector conservador. Muitos dos líderes partidários são personagens com relevância não muito marcada, muitos delas não se apercebendo dos problemas do sistema capitalista onde estão inseridos pela força da Europa a que pertencemos. Para além disso, existe efectivamente uma massa de retornados difícil de definir politicamente, embora recebendo o namoro de diversos lados. Uma massa de votantes difícil de definir tendências e que se sente, neste distrito de individualismo evidente, como peixe na água. Só que, dada a sua inserção no problema português, se juntam instintivamente, procurando a corrente que maiores perspectivas pessoais lhes pode dar. Por outro lado, o sentido de liberdade e de democracia passa, efectivamente, pela não aceitação de uma política secreta repressiva. Por uma sociedade em que se possa, falar sem correr os riscos de se «ir dentro». Onde, ao lado de se poder falar, se pode fazer também aquilo que cada um entende, na sua perspectiva pessoal.

Disseram-nos, num dos muitos contactos que tivemos: «Foram tantos os chamados para diversos lugares, que quase é capaz de não sobrar ninguém para votar».

LEIRIA — NA ROTA DO SUL OU NA ROTA DO SUL?

Região de Leiria. Zona de múltiplas facetas, entre a serra e o mar, entre o Norte e o Sul. Mesmo no aspecto de mentalidades se encontram com distâncias de poucos quilómetros, diferenças fulcrais. Abrangendo, além de Leiria, os concelhos da Batalha, Marinha Grande, Porto, de Mós e Vila Nova de Ourém, contém no seu seio o eixo industrial que vai da Marinha Grande a Mira de Aire, passando pela sede do distrito. Difícil de dar a noção de como as populações encaram as próximas eleições.

«A população da cidade e dos meios já maiorinhos, já está mais consciente da votação que vai efectuar, e como é de mais fácil acesso, até vai lá» — disseram-nos em Leiria, num dia feriado, em que a chuva miudinha guardava as populações em casa.

Depois, foram acrescentando, quando a conversa se alargou, e o âmbito geográfico também: «Nos arredores da cidade, a «coisa» está mais desmobilizada, até porque os locais de votação, como sabe, são longe das sedes das juntas de freguesia e o pessoal já está farto de tanta eleição».

Juntou-se mais um e disse, à laia de «bocas»: «Olhe que o

Não tivemos tempo para pedir a procuração passada pelas gentes da região para o seu porta-voz, nem averiguar

DISTRITO DE AVEIRO — UMA LEITURA DIFÍCIL

que lhes resolvem os problemas. Nesta região são os partidos que mais abertamente propagandeam a defesa dos trabalhadores que estarão na contra-frontação. Mas as promessas partidárias já começam a cair em saco roto, pois «na altura das eleições promete-se tudo, mas depois não cumpriu e está o diabo» e «há muita conversa na política».

Zona de forte incidência proletária, os assuntos concernentes ao trabalho de cada um assumem aqui uma importância fundamental, e é difícil falar política sem falar de sindicatos. E os reformados são também um problema a considerar. Até pela sua tradição de luta. Os cerca de mil e quinhentos reformados da Marinha Grande acabam por representar mais do que os seus votos.

As críticas, que surgem são sempre à actuação partidária. «Olhe que antes das eleições vêm para aí perguntar quais são as nossas necessidades e os nossos problemas... como se não tivéssemos já a obrigação de os saber, se querem tomar conta dos destinos da zona. E depois?»

O responsável pelo salão cinematográfico local, que a partir do seu declarou não ter a mínima filiação partidária, apontou-nos um facto que representa para ele um desinteresse das populações pelos seus problemas.

«Aqui há tempos, vieram cá passar uns filmes sobre acidentes de trabalho e de outros assuntos que deviam interessar aos trabalhadores. Quer saber o que aconteceu? Nem um só veio até aqui! Como é que se pode ter interesse por coisas que nos dizem respeito, num âmbito mais largo, quando até pela sua segurança, não se interessam. Ou será que já nada que vem das entidades oficiais merece garantia?»

«O tempo das eleições também não é o mais favorável, e depois, o povo está muito massacrado. Tem-lhe pedido muito, em pouco tempo. Para além de tudo, há já uma opinião generalizada de que os diversos governos não têm feito nada em favor dos trabalhadores, e estes, começam a aporecher-se de que não são talvez as eleições

que lhes resolvem os problemas. Nesta região são os partidos que mais abertamente propagandeam a defesa dos trabalhadores que estarão na contra-frontação. Mas as promessas partidárias já começam a cair em saco roto, pois «na altura das eleições promete-se tudo, mas depois não cumpriu e está o diabo» e «há muita conversa na política».

Zona de forte incidência proletária, os assuntos concernentes ao trabalho de cada um assumem aqui uma importância fundamental, e é difícil falar política sem falar de sindicatos. E os reformados são também um problema a considerar. Até pela sua tradição de luta. Os cerca de mil e quinhentos reformados da Marinha Grande acabam por representar mais do que os seus votos.

As críticas, que surgem são sempre à actuação partidária. «Olhe que antes das eleições vêm para aí perguntar quais são as nossas necessidades e os nossos problemas... como se não tivéssemos já a obrigação de os saber, se querem tomar conta dos destinos da zona. E depois?»



Rua principal de um lugarejo do distrito de Aveiro: gente que teve o seu tempo, gente que terá o seu tempo — que passará pelas opções de toda a gente nas eleições para as autarquias locais

peosso já está farto de ser enganado. Vota, vota, e está tudo na mesma»...

Mas, o nosso primeiro interlocutor, retomou a palavra e continuou:

«Sabe, o pessoal acha que devia haver alguém, fora dos partidos, que fosse por aí fora explicar estas eleições e a importância que elas têm para o progresso de cada terra. Depois, são muitas listas e muitas votações ao mesmo tempo, e o pessoal assusta-se com medo de se enganar e acaba por achar melhor não lá ir, para não acabar por fazer um voto contra aquilo que quereria fazer.»

A conversa foi atraindo mais participantes. As intervenções iam da exclamação, à opinião.

«Sabe, as outras eleições realizaram-se numa altura de bom tempo. Era fácil o pessoal dos lugares distantes deslocar-se. Era Verão ou Primavera. Agora, nesta altura do ano, quem se lembra de fazer eleições...»

A cidade, para primeiro dia de campanha eleitoral mostrava-se calma e sem grandes colagens nas paredes. Parecia adormecida. «A Rota do Sul» — cartaz turístico — deve ter feito esvaizar a cidade.

Mas Leiria e o seu distrito não são só a cidade. Marinha Grande, é também local de notáveis tradições políticas. De agora é de sempre. O antifascismo teve sempre ali um baúlzete. Pela sua grandeza, a zona tem grandes problemas a resolver. Por isso, as eleições que se aproximam podem e terão com certeza uma expressão característica.

«Embora estas eleições toquem mais de perto aos interesses de cada um, aos seus interesses directos, ligados ao dia a dia, julgo que irão ter mais abstenções» — afirmou-nos um reformado da indústria vidreira, que depois, em termos de desabafo, acrescentou:

«O tempo das eleições também não é o mais favorável, e depois, o povo está muito massacrado. Tem-lhe pedido muito, em pouco tempo. Para além de tudo, há já uma opinião generalizada de que os diversos governos não têm feito nada em favor dos trabalhadores, e estes, começam a aporecher-se de que não são talvez as eleições

que lhes resolvem os problemas. Nesta região são os partidos que mais abertamente propagandeam a defesa dos trabalhadores que estarão na contra-frontação. Mas as promessas partidárias já começam a cair em saco roto, pois «na altura das eleições promete-se tudo, mas depois não cumpriu e está o diabo» e «há muita conversa na política».

Zona de forte incidência proletária, os assuntos concernentes ao trabalho de cada um assumem aqui uma importância fundamental, e é difícil falar política sem falar de sindicatos. E os reformados são também um problema a considerar. Até pela sua tradição de luta. Os cerca de mil e quinhentos reformados da Marinha Grande acabam por representar mais do que os seus votos.

que lhes resolvem os problemas. Nesta região são os partidos que mais abertamente propagandeam a defesa dos trabalhadores que estarão na contra-frontação. Mas as promessas partidárias já começam a cair em saco roto, pois «na altura das eleições promete-se tudo, mas depois não cumpriu e está o diabo» e «há muita conversa na política».

Nesta região são os partidos que mais abertamente propagandeam a defesa dos trabalhadores que estarão na contra-frontação. Mas as promessas partidárias já começam a cair em saco roto, pois «na altura das eleições promete-se tudo, mas depois não cumpriu e está o diabo» e «há muita conversa na política».

Zona de forte incidência proletária, os assuntos concernentes ao trabalho de cada um assumem aqui uma importância fundamental, e é difícil falar política sem falar de sindicatos. E os reformados são também um problema a considerar. Até pela sua tradição de luta. Os cerca de mil e quinhentos reformados da Marinha Grande acabam por representar mais do que os seus votos.

As críticas, que surgem são sempre à actuação partidária. «Olhe que antes das eleições vêm para aí perguntar quais são as nossas necessidades e os nossos problemas... como se não tivéssemos já a obrigação de os saber, se querem tomar conta dos destinos da zona. E depois?»

O responsável pelo salão cinematográfico local, que a partir do seu declarou não ter a mínima filiação partidária, apontou-nos um facto que representa para ele um desinteresse das populações pelos seus problemas.

«Aqui há tempos, vieram cá passar uns filmes sobre acidentes de trabalho e de outros assuntos que deviam interessar aos trabalhadores. Quer saber o que aconteceu? Nem um só veio até aqui! Como é que se pode ter interesse por coisas que nos dizem respeito, num âmbito mais largo, quando até pela sua segurança, não se interessam. Ou será que já nada que vem das entidades oficiais merece garantia?»

«O tempo das eleições também não é o mais favorável, e depois, o povo está muito massacrado. Tem-lhe pedido muito, em pouco tempo. Para além de tudo, há já uma opinião generalizada de que os diversos governos não têm feito nada em favor dos trabalhadores, e estes, começam a aporecher-se de que não são talvez as eleições

que lhes resolvem os problemas. Nesta região são os partidos que mais abertamente propagandeam a defesa dos trabalhadores que estarão na contra-frontação. Mas as promessas partidárias já começam a cair em saco roto, pois «na altura das eleições promete-se tudo, mas depois não cumpriu e está o diabo» e «há muita conversa na política».

Zona de forte incidência proletária, os assuntos concernentes ao trabalho de cada um assumem aqui uma importância fundamental, e é difícil falar política sem falar de sindicatos. E os reformados são também um problema a considerar. Até pela sua tradição de luta. Os cerca de mil e quinhentos reformados da Marinha Grande acabam por representar mais do que os seus votos.

As críticas, que surgem são sempre à actuação partidária. «Olhe que antes das eleições vêm para aí perguntar quais são as nossas necessidades e os nossos problemas... como se não tivéssemos já a obrigação de os saber, se querem tomar conta dos destinos da zona. E depois?»

O responsável pelo salão cinematográfico local, que a partir do seu declarou não ter a mínima filiação partidária, apontou-nos um facto que representa para ele um desinteresse das populações pelos seus problemas.

As críticas, que surgem são sempre à actuação partidária. «Olhe que antes das eleições vêm para aí perguntar quais são as nossas necessidades e os nossos problemas... como se não tivéssemos já a obrigação de os saber, se querem tomar conta dos destinos da zona. E depois?»

Em Milagres, freguesia perto de Leiria, para além de listas partidárias, concorre também uma independente. Falamos com um dos cidadãos que a ela pertence: «A maioria do povo da terra é pela lista que está, e que me parece concorrer por um dos partidos. Isto dos independentes é referente a um certo aborrecimento da parte do pessoal para com os dos partidos».

Depois, contou-nos a traços largos, a sua aderência à lista dos independentes, que se baseou essencialmente numa questão de amizade pelo «ca-beça de série».

Também Marrazes, logo à saída de Leiria, tem a sua lista de independentes. Marrazes é uma localidade com vida. «A lista independente, aqui é formada por indivíduos das mais diversas tendências políticas — disse-nos um dos naturais — e reúne uma opinião favorável da população. São indivíduos que estão um pouco desiludidos da actuação dos partidos e entenderam, depois de várias horas de reunião, num café, que podiam fazer outra coisa pela terra. E lançaram-se a isso...»

A certeza com que as pessoas nos falaram em consenso geral da população, acerca desta ou daquela lista, independente ou não faz aprofundar a questão, das opiniões antecipadas e mesmo das certezas.

«Isto de viver em terras pequenas onde todos se conhecem e que na maioria já se sabe o que pensam, faz-nos saber antecipadamente o que vai acontecer. Essas coisas são sempre muito faladas e conversadas e quando se chega ao momento próprio, já se sabe...»

«Por mim, ficam os que lá estão, e não posso estar com muita conversa, pois tenho aixoitona para descarregar» — disse um dos alcairenses, que de pé ao ombro, chegou, parou e abalou. Outros ficaram, falaram da terra, pouco das eleições. Qualquer coisa não parecia funcionar bem, pois não se apercebiam de quem iria promover as eleições. Falaram dos senhores da Câmara, mas também disseram «que era tudo como da outra vez». Uma certa apatia, por certo decorrente de uma certeza antecipada.

Em jeito de adeus: «Os senhores dos jornais que estejam descançados... Aqui não há problemas».

Uma certeza nos ficou. Nos plênários de eleitores, a presença só não deve ser cem por cento, por motivos de doença. Ali, face a face, os problemas têm grande acuidade, mas também podem ser resolvidos, até por uma conversa.

Metida na serra de Porto de Mós, com um cento de curvas para se lá chegar, existe uma localidade chamada Alcaria. Uma das que por lei terá também de eleger a sua Junta, em plênário de eleitores, pois tem menos de trezentos deles inscritos. Terra deserta, sangrada pela emigração e pelo emprego nos grandes centros.

OS INDEPENDENTES — UMA SOLUÇÃO?

Também na região de Leiria, as listas de independentes, tanto para freguesia como para outros órgãos de administração local, são um facto. Uma solução?

Também na região de Leiria, as listas de independentes, tanto para freguesia como para outros órgãos de administração local, são um facto. Uma solução?

Também na região de Leiria, as listas de independentes, tanto para freguesia como para outros órgãos de administração local, são um facto. Uma solução?

NOTÍCIAS DA CAMPANHA

PARTIDOS, cidadãos concorrentes ou frentes eleitorais prosseguem nas suas actividades com o objectivo de esclarecer a massa eleitoral. Ontem, realizaram-se várias sessões de esclarecimento e conferências de imprensa, de que damos adiante noticiário resumido.

DEMOCRACIA DE TIPO MUNICIPAL REMONTA A IDADE MÉDIA — RECORDA SALGADO ZENHA

No Teatro Laura Alves realizou-se uma sessão de apresentação dos candidatos socialistas às próximas eleições, no sector do primeiro bairro fiscal de Lisboa. Presidiu o dr. Salgado Zenha e falou em primeiro lugar Manuela de Azevedo, candidata pela freguesia dos Anjos, que evidenciou a acção do Governo socialista em vários sectores. Dirigindo-se especialmente ao voto feminino, afirmou: «já se ouvem algumas mulheres a dizerem quem dera o Salazar, mas essas esqueceram-se da P. I. D. E. e esqueceram-se do que aconteceu a Humberto Delgado». O dr. Raul Rego, primeiro candidato do P. S. para a assembleia municipal de Lisboa, recordou os tempos da repressão contra os oposicionistas e concluiu afirmando que estas eleições são indicação para o Governo Central da vontade de toda a Nação.

Falou depois o dr. Manuel Moura, para afirmar que o P. S. necessita confirmar e estas eleições a implantação que tem. Fez críticas à manifestação de sábado passado no Estádio 1.º de Maio e disse que o P. C. P. convocou uma manifestação com milhares de indivíduos pertencendo a camadas que o ram defender, alienados, o que não são os seus interesses. A propósito do pagamento do 13.º mês com títulos do Tesouro e da poupança forçada disse também: «tiramos uma parte do consumo supérfluo e essa soma de migalhas vai ser investida em obras que são do interesse de todo o povo português».

Seguidamente falaram o eng. Machado Rodrigues, secretário de Estado dos Transportes (que abordou problemas do seu sector) e o eng.º Aquilino Macha-

do Ribeiro, este último apresentado pelo dr. Salgado Zenha como o futuro presidente da Câmara de Lisboa. Este orador referiu o que será a política do seu partido nas autarquias locais, principalmente no que respeita às finanças municipais, aos transportes públicos, à saúde, à urbanização e à habitação. A este respeito, o eng.º Machado Ribeiro diria, a finalizar a sua intervenção, que seria política do seu partido, em Lisboa, «o incremento à construção de habitações sociais e à utilização de grandes áreas inaproveitadas que alguns especuladores tentam manter assim, levando a todos os solos de Lisboa a aplicação da lei que permite zelar pelos interesses públicos». Estas medidas, concluiu, «podem passar pela expropriação» dessas áreas e «a sua entrega à comunidade, retirando-as a esses especuladores».

Entretanto a secção de Benfca do Partido Socialista realiza amanhã, às 15 horas, na sede do Club Futebol Benfica, Rua Cláudio Nunes, n.º 30, uma festa socialista para a população da área. Da primeira parte constam a apresentação de candidatos e temas de carácter social. Seguidamente, haverá variedades por artistas de renome.

P. S. D./P. P. D.—LUTA PELA CONCRETIZAÇÃO DO PODER LOCAL

PORTO — No decorrer de uma conferência de imprensa, o P. S. D./P. P. D., apresentou os candidatos do Partido às autarquias locais. O dr. Olívio França explicou qual a posição do seu partido em relação ao próximo acto eleitoral, afirmando que ele «lutará pela liberdade, pelo progresso, pela justiça social, pela instrução, como condição de uma vida mais digna».

O presidente da comissão política distrital do Porto, Vieira da Cunha, fez uma reflexão sobre o poder popular numa perspectiva das condições em que foi exercido no passado, como subsistiu no período pós-25 de Abril e sobre o seu futuro imediato, tirando a lição de que «a importância do poder local está viciada e adulterada

perante o povo português, em muitas localidades e regiões».

E afirmou: «Vamos para as eleições seguros do que queremos, sem ilusões quanto ao que inicialmente poderemos fazer, porque, como foi demonstrado, o Governo até hoje não criou as condições mínimas para que o poder local se exerça com suficiente amplitude. Mas vamos confiantes porque está nas nossas mãos exigir do Governo os meios para que o poder local seja uma realidade, nesta democracia. E nisso os nossos candidatos e no futuro os membros desses órgãos que representam o P. S. D. estão mais à vontade do que os do partido do Governo, já que não calaremos as exigências das populações».

O dr. Mário Cerqueira Correia, que foi vice-governador civil, apresentou o programa do Partido para as autarquias locais, pondo em destaque o facto das limitações que terão de enfrentar em consequência de factores da ordem económica.

O dr. Mário Cerqueira Correia referiu-se ainda a aspectos relacionados com o desenvolvimento económico do distrito, sectores de transportes e comunicações, serviços públicos e aspectos sociais e culturais, de recreio e turismo.

O dr. Olívio França encerrou a sessão com um comentário às recentes palavras do dr. Mário Soares proferidas em Genebra, quando considerou o P. P. D. um Partido de «direita e liberal». Nesse comentário, o dr. Olívio França afirmou que o P. P. D. é social-democrata, e que os socialistas, sempre que se ligaram aos comunistas, acabaram por ser «arrastados para situações de catástrofe».

ALVARO CUNHAL NUM COMÍCIO NA ESCOLA FRANCISCO DE ARRUDA

Na Escola Técnica Francisco de Arruda realizou-se, com a presença de Álvaro Cunhal, um comício promovido pela Comissão Eleitoral Unitária de Alcátara da Frente Eleitoral do Povo Unido.

O secretário-geral do P. C. P. começou por se referir à importância das eleições no actual contexto político e aludiu particularmente às consequências dos seus resultados.

Alvaro Cunhal referiu-se à importância de se saber quem vai administrar as Câmaras Municipais e as Juntas de Freguesia: «Os partidos reaccionários vão administrar as Juntas ou, pelo contrário, são as forças democráticas, as forças de esquerda que irão fazê-lo», afirmou o secretário-geral do P. C. P., para concluir que «quando nós dizemos as forças de esquerda, queremos dizer a Frente Eleitoral Povo Unido».

Passou-se, depois, a um período em que Alvaro Cunhal respondeu às perguntas formuladas por muitos dos presentes.

Os problemas dos reformados e o anunciado aumento da reforma traduzido em 250500, a Reforma Agrária, o movimento sindical, a recuperação capitalista, foram, entre outras, algumas das questões levantadas pelos participantes.

Sobre a política geral, Alvaro Cunhal dirigiu severas críticas ao Partido do Governo, o qual, disse, durante a campanha para a Assembleia da República, fez promessas que não está a cumprir. Graves problemas que afectam a vida nacional aos quais o Governo não dá solução foram igualmente referidos por Alvaro Cunhal.

Relativamente ao problema dos reformados e à questão levantada acerca do aumento de 250500, Alvaro Cunhal criticou o Governo por apresentar um aumento ridículo, ao mesmo tempo que pretende indemnizar os capitalistas.

Falou sobre os Títulos do Tesouro e o regime de austeridade que deve vigorar no nosso país.

Sobre a recuperação capitalista, Alvaro Cunhal dirigiu uma das mais severas críticas ao Governo minoritário do P. S. para acrescentar que «tal Governo pretende submeter Portugal ao imperialismo».

Alvaro Cunhal falou também da Reforma Agrária e referiu o perigo que existe de a política do Governo poder criar falta de entusiasmo entre os trabalhadores.

O secretário-geral do P. C. P. no âmbito da campanha eleitoral para as autarquias locais, esteve também no distrito de Setúbal onde participou em vá-

rios comícios promovidos pelo P. C. P. de apoio às listas da Frente Eleitoral Povo Unido. Ermidas, Grândola e Barreiro foram as localidades onde decorreram estes comícios.

PROTESTO DE POVO UNIDO DO PORTO CONTRA FORÇAS POLICIAIS

PORTO — Para além dos incidentes, que já ontem relatamos, registados aquando da colagem de cartazes e que culminaram com a prisão de José Daniel Mira Fadista, activista da Frente Eleitoral do Povo Unido, sabe-se que esta Frente dirigiu um protesto ao presidente da Comissão Nacional das Eleições. De acordo com esse documento, foi inesperadamente interrompida por forças da P. S. P. uma reunião preparatória para a elaboração de uma lista concorrente à Junta da Freguesia da Foz do Douro. As forças de segurança viriam a abandonar o local depois de procedermos à identificação de três dos presentes.

Referindo ainda um boicote contra um comício que pretendiam realizar no passado dia 30, a F. E. P. U. diz que o consentimento de tais atropelos «coloca a F. E. P. U. numa situação de inferioridade em relação aos outros partidos ou coligações».

L. C. I. E. P. R. T. EM CONJUNTO NAS ELEIÇÕES PARA AS AUTARQUIAS DE CINCO MUNICIPIOS DO DISTRITO DO PORTO

PORTO — Os candidatos da Liga Comunista Internacionalista (L. C. I.) e do Partido Revolucionário dos Trabalhadores (P. R. T.) às autarquias do distrito do Porto deram uma conferência de imprensa, a fim de apresentarem as suas propostas às próximas eleições e divulgarem as listas dos seus candidatos à Câmara Municipal do Porto e a mais quatro das 16 câmaras municipais do distrito do Porto.

Foi afirmado que o facto das duas organizações políticas aparecerem em conjunto nestas eleições constitui um passo importante para a fusão de ambas, no sentido da construção

de um partido trotskista e da criação futura em Portugal de uma secção da IV Internacional. O Governo foi alvo de ataques dos componentes da mesa e registou-se um apelo para a organização de um dia de luta nacional, um dia de paralisação nacional pelos contratos colectivos de trabalho e pelo aumento de salários. Foi ainda referido que, contra a «actuação pró-capitalista de Eanes, Soares e Cardia têm lutado os estudantes das três Academias do País».

A L. C. I. e o P. R. T., apelam, também, aos trabalhadores para votarem nas listas P. S. e Povo Unido na maioria dos círculos eleitorais para que «nenhum voto vá para o P. P. D. ou o C. D. S.», sendo a melhor forma para exigirem a Mário Soares o fim das alianças com a direita, opondo um Governo P. S.-P. C. P. sem capitalistas nem generais».

Das listas dos candidatos apresentados constam como primeiras figuras: Assembleias Municipais do Porto: José Augusto Tavares da Silva, de 25 anos, metalúrgico; Câmara Municipal do Porto: Ezequiel dos Santos Ferreira, de 24 anos, desenhador; Câmara Municipal de Gaia: Adelinho Manuel Guimarães Fortunato, de 26 anos, professor; Câmara Municipal de Gondomar: José Domingos Cerqueira Mateus, de 25 anos, empregado de escritório; Câmara Municipal da Maia: Francisco Manuel da Rocha Moreira, de 35 anos, publicista; e Câmara Municipal de Amarante: Francisco Monteiro da Silva, de 26 anos, lixeiro-marceiro.

CANDIDATOS DOS G. D. U. P.'s APRESENTADOS NUMA FESTA POPULAR

Distribuição de material de propaganda, venda de livros de formação ideológica, à mistura com comes e bebes. Pode resumir-se assim a festa popular que constituiu a apresentação dos candidatos dos G. D. U. P.'s, às autarquias locais do concelho de Lisboa. Festa realizada anteontem no Terreiro do Paço e que decorreu de manhã até à noite, sempre animada e sempre com a presença de numeroso público que ouvia múltiplos oradores que, em minuciosos, descreviam os principais problemas das suas zonas.

A F.E.P.U. PROPÕE-SE «DEVOLVER A CIDADE AO POVO»

COM a presença de Silva Graça, ex-secretário de Estado da Juventude, Helena Cidade Moura, psicóloga, candidatos à Câmara Municipal de Lisboa, Jaime Serra, membro do Comité Central do P. C. P., Henrique Oliveira e Sá, ex-ministro do Equipamento Social e do Ambiente, candidatos à Assembleia Municipal, entre outros candidatos, a Frente Eleitoral Povo Unido deu, ontem, uma conferência de imprensa, para apresentação do seu programa.

Começando por fazer a história da F. E. P. U., Henrique Oliveira e Sá afirmou que esta «é uma afirmação de mobilização e organização que permitiu concorrer às eleições abrangendo 99,95 por cento do eleitorado».

O programa da Frente Eleitoral Povo Unido foi editado e distribuído em forma de jornal ilustrado, com o título «Povo Unido de Lisboa».

«Devolver a cidade ao Povo» é a palavra de ordem do programa e do jornal. Desenvolvendo este

tema, a F. E. P. U. afirma que «de facto, é tempo de devolver a cidade aos seus habitantes, permitindo-lhes por em prática uma política que assegure a plena valorização da cidade e da população que nela vive».

As bases programáticas da F. E. P. U. podem resumir-se a alguns aspectos principais: «Conflança ilimitada no papel das massas populares e na sua capacidade de organização, em defesa dos seus interesses; harmonização dos interesses municipais locais e dos interesses nacionais; colaboração e coordenação das actividades da Câmara com as actividades das freguesias; autonomia administrativa e financeira real».

Procurar «frentes de actuação, meios a mobilizar e objectivos a alcançar, em colaboração com outras entidades da administração pública, com vista à resolução do problema da habitação e ao aumento dos equipamentos (restricção à demolição sistemática e à utilização da construção para fins diversos dos habita-

cionais, apoiar o processo S. A. A. L. e as cooperativas de habitação); à defesa da qualidade do ambiente; à garantia do direito à saúde (regionalizar os hospitais da cidade de Lisboa); à colaboração na resolução dos problemas dos transportes e do trânsito; à garantia do abastecimento público e à protecção do consumidor; à garantia do acesso ao ensino; à reanimação da vida cívica da cidade, procurando, ainda, meios com vista à manutenção das condições necessárias à convivência pacífica entre os cidadãos e à tranquilidade pública».

No decorrer da conferência de imprensa, foi afirmado pelos elementos da F. E. P. U. que é «desvantajosa a partidização das eleições para as autarquias locais», considerando que «se os partidos de direita tivessem a maioria, nestas eleições, poderiam procurar a organização de um Governo que fosse ao encontro dos resultados obtidos». Consideraram, ainda, os membros da F. E. P. U. presentes, que as eleições para as autarquias locais «têm uma função decisiva na salvaguarda da democracia no nosso país».

G. D. U. P.: «AS NOSSAS LISTAS SÃO DE LUTA E NÃO ELEITORALISTAS»

«ANDAR de rua em rua, de mercado em mercado, de porta em porta», é uma directiva que orienta o trabalho dos candidatos às autarquias locais pelas listas da Unidade Popular, conforme foi revelado durante o encontro do secretário do M. U. P. (representado por Eduardo Graça, Catalina Pestana e Florindo Fraga) com os órgãos de informação. Foi salientado que as listas são mais amplas que os próprios G. D. U. P.'s, na sua maioria constituídas a partir de plenários, e integram cidadãos com ou sem partido mas todos «verdadeiramente empenhados numa alternativa popular», no prosseguimento dos «objectivos da candidatura do major Otelo». A propósito, foi referido que no Norte e no Sul existem listas da U. P. que incluem elementos afectos à linha do P. S., enquanto no Sul aparecem cidadãos localmente identificados com o P. C. P.

As questões de fundo apontadas pelos candidatos obedecem fundamentalmente ao seguinte: luta de massas; apo-

o esclarecimento permanente das populações; demarcação de todas as outras organizações políticas; evidência constante de que as listas do Povo Unido são «falsamente unitárias, pois não passam de uma coligação de partidos»; não prometer nada, mas tentar, em cada local, a resolução concreta dos problemas e das carências das populações; clarificação da organização e luta popular com esclarecimento correcto sobre os entraves em que certos sectores se empenham, para não permitir o avanço da Unidade Popular. Toda esta acção, localmente, não estará desligada das lutas a nível nacional e fará, na prática, a demonstração de que os programas da U. P. não são executados nos segredos dos gabinetes, antes, porém, constituem o fruto de um trabalho de porta em porta.

Relativamente a deficiências e dificuldades na apresentação das listas, elas foram confirmadas com base em boletins diversos e, ainda, com a falta de capacidade finan-

ceira: «Temos a consciência plena dessas dificuldades, não negamos contradições, mas esses factos não foram causados por divergências internas, como alguns pretendem insinuar.» Foi afirmado que essas questões são resolvidas pelo debate político (que não permitiu chegar a muitas zonas do País), vem afirmar a independência das listas de Unidade Popular. Apesar de tudo, o M. U. P. não considera as eleições para as autarquias como tarefa única e mais importante: «Estas eleições são importantes, sim, senhor, mas consideramos as autarquias como uma franja do poder e, neste momento, como no futuro, existem outras frentes de combate.»

As listas da U. P. apresentar-se-ão nas zonas de maior índice populacional (Lisboa, Setúbal, Alentejo): «Fomos onde, podemos ir, e por isso a nossa escolha política.» Para além disso, «as nossas listas são de luta, não são eleitoralistas».